



Boletim Conjuntural Semana 39/2026 – 24 de setembro de 2026

SOJA	2
MILHO	2
TRIGO	2
SUÍNOS	3
FRANGOS	5

A presente edição do Boletim Conjuntural traz os dados revisados sobre a estimativa das safras de grãos no Paraná, o ritmo do plantio das culturas de verão, as perdas no rendimento do trigo e as margens operacionais pressionadas nos custos da avicultura e da suinocultura no estado.

Nas culturas de campo, as estimativas revisadas para a soja projetam uma colheita de 22,59 milhões de toneladas, com o plantio atingindo 15% da área prevista e 100% das lavouras em boas condições beneficiadas pela umidade do solo. No milho de primeira safra, a área estimada cresceu 1,5%, alcançando 371 mil hectares, com o plantio ultrapassando a metade das áreas (56%) sob boas condições no campo. Em sentido oposto, a

estimativa do trigo sofreu redução de 10% na expectativa de produção devido às altas temperaturas e ao excesso de chuvas acumulado. Apesar disso, os preços do cereal permanecem aquecidos, o que traz um pequeno alívio financeiro aos produtores, mas encarece o suprimento para os moinhos locais.

No setor de proteína animal, a conjuntura é desafiadora para os produtores em decorrência do aumento dos custos de produção. Na avicultura de corte, o frango vivo (R\$ 4,73/kg) ficou abaixo do seu custo total de produção (R\$ 4,85/kg), gerando margem negativa de 2,47% para o avicultor. Cenário ainda mais crítico é observado na suinocultura, onde o preço nominal médio do suíno vivo recuou para R\$ 5,31/kg enquanto os custos operacionais subiram para R\$ 5,96/kg, deixando a remuneração 10,91% abaixo do custo e ampliando as dificuldades financeiras dos produtores perante o encarecimento das rações.

Boa leitura!



SOJA

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

Nesta semana, o Deral divulgou os dados revisados sobre a expectativa de produção da safra 2026/27 de soja no Estado do Paraná. A projeção atual indica que deverão ser colhidas 22,59 milhões de toneladas, em uma área estimada de 5,74 milhões de hectares. Até o momento, o plantio já alcançou 15% da área total prevista, refletindo o bom andamento das atividades no campo. Das lavouras já implantadas, 100% apresentam boas condições, resultado favorecido pelo clima e pela boa umidade do solo.

MILHO

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

A primeira safra de milho 2026/27 tem uma área projetada de 371 mil hectares, um crescimento de 1,5% quando comparada à safra imediatamente anterior. O volume estimado de produção é de 4,07 milhões de toneladas. Até o momento, já foram plantados 56% da área total, e 96% dessas áreas apresentam boas condições no campo, enquanto apenas 6% apresentam condição mediana.

TRIGO

Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho

Em setembro, a principal atualização da previsão das safras paranaenses, feita por este departamento, foi a redução na produtividade do trigo. A expectativa inicial era de cerca de 54 sacas por hectare, mas, devido às temperaturas acima da média e ao excesso de chuvas ao longo de agosto e setembro, a projeção atual caiu para 49 sacas por hectare. Com a área estimada em 727 mil hectares, a perspectiva é de uma colheita de 2,13 milhões de toneladas, ante as 2,37 milhões de toneladas projetadas para um cenário de produtividade normal. Esse recuo de 10% na produção, somado ao aumento das cotações internacionais, tem mantido os preços em patamares superiores aos da entressafra, mesmo com quase metade da colheita já concluída no estado, sendo o Paraná o segundo maior produtor do cereal no Brasil.

Se por um lado essa valorização dos preços ajuda a equilibrar as contas dos produtores, por outro encarece a fabricação de farinhas. Com pouca disponibilidade para abastecimento no mercado local e escassez ainda maior de trigo de qualidade regional, os moinhos paranaenses terão que buscar suprimentos em outros estados, sendo o Rio



Boletim Conjuntural Semana 39/2026 – 24 de setembro de 2026

Grande do Sul a única opção nacional onde a oferta deve superar a demanda. Quando essa fonte se esgotar, Paraguai e Argentina também devem ganhar espaço como fornecedores para a indústria moageira do Paraná, que em 2025 foi responsável por 30% da produção nacional de farinhas, segundo dados da Abitrito.

Adicionalmente, informamos que o levantamento feito pelo Deral a partir da colheita serve como principal referência para a atualização dos números de safra da Conab. No entanto, as estimativas para o Brasil não devem sofrer alterações significativas em função dos dados paranaenses, visto que os valores divulgados pela Conab já estão alinhados com a nossa atualização mais recente. Assim, eventuais mudanças no panorama nacional dependerão do desempenho de outros estados produtores, em especial o Rio Grande do Sul, que se mantém na liderança da produção nacional. A estimativa atual para o Brasil é de um volume de trigo de 5,7 milhões de toneladas, 27% a menos que na safra anterior.

SUÍNOS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

De acordo com a Central de Inteligência de Aves e Suínos (CIAS), da

Embrapa Suínos e Aves (CNPSEA), o custo de produção do suíno vivo no Paraná atingiu, em agosto de 2026, R\$ 5,96/kg, representando uma alta de 2,58%, ou R\$ 0,15/kg, em relação a julho, quando o valor foi de R\$ 5,81/kg. Na comparação com agosto de 2025, quando o custo era de R\$ 5,73/kg, houve aumento de 4,01%, equivalente a R\$ 0,23/kg.

O Índice de Custos de Produção de Suínos (ICPSuíno), com base em janeiro de 2010 = 100 pontos, atingiu 363,13 pontos em agosto, alta de 0,96% em relação a julho, que registrou 359,67 pontos, e de 1,74% na comparação com agosto de 2025, quando estava em 356,93 pontos. No acumulado do ano, entretanto, o ICPSuíno apresenta retração de 2,04%, enquanto nos últimos 12 meses registra alta de 1,74%.

Na comparação com o mês anterior, os maiores aumentos foram registrados nos custos de energia elétrica, calefação e cama, com alta de 8,32%, nos custos de capital, com 2,91%, e na nutrição, com 0,98%. A genética apresentou queda de 1,34%, enquanto transporte, sanidade e mão de obra permaneceram estáveis. No acumulado do ano, houve redução nos custos de capital, de 9,28%, na ração, de 0,85%, e na genética (-27,76%), enquanto energia elétrica, calefação e cama apresentou alta de 9,95%.



Boletim Conjuntural Semana 39/2026 – 24 de setembro de 2026

Transporte e sanidade permaneceram estáveis.

A alimentação continua sendo o principal componente do custo de produção da suinocultura paranaense, representando 70,64% do custo total. Em agosto, o gasto com alimentação alcançou R\$ 4,21/kg, alta de 3,44%, ou R\$ 0,14/kg, em relação a julho, quando estava em R\$ 4,07/kg. Na comparação com agosto do ano passado, também houve aumento, já que naquele mês o custo da alimentação era de R\$ 3,93/kg.

No ICPSuíno, a nutrição representa 72,53% do índice e apresentou retração de 0,85% no ano, mas alta de 4,29% nos últimos 12 meses. A genética, que representa 2,00% do ICPSuíno, apresentou queda significativa no acumulado do ano, enquanto o custo de capital, com peso de 6,84%, recuou 9,28% no ano e 14,37% nos últimos 12 meses.

Nos principais estados produtores de suínos e de carne suína, os custos de produção também apresentaram alta em agosto. Em Santa Catarina, o custo chegou a R\$ 6,35/kg, alta de 0,95% sobre julho, quando estava em R\$ 6,29/kg. No Rio Grande do Sul, atingiu R\$ 6,40/kg, crescimento de 1,43% em relação aos R\$ 6,31/kg registrados no mês anterior.

Enquanto o custo de produção subiu, o preço recebido pelo produtor paranaense

apresentou queda. Em agosto, o preço nominal médio estadual do suíno vivo foi de R\$ 5,31/kg, uma retração de 4,15%, ou R\$ 0,23/kg, em relação a julho, quando alcançou R\$ 5,54/kg. Na comparação com agosto de 2025, quando o preço médio era de R\$ 7,05/kg, a queda foi de 24,68%, equivalente a R\$ 1,74/kg.

O resultado mostra uma situação preocupante para o produtor. Em agosto, o preço médio de R\$ 5,31/kg ficou R\$ 0,65/kg abaixo do custo de produção, estimado em R\$ 5,96/kg. Em termos percentuais, a remuneração ficou 10,91% abaixo do custo. Também chama atenção a trajetória do preço ao longo de 2026: em janeiro, o suíno vivo era comercializado, em média, por R\$ 6,94/kg, passando para R\$ 5,31/kg em agosto, uma retração de 23,49%.

Assim, agosto terminou com uma combinação pouco favorável para a suinocultura paranaense: enquanto o custo de produção aumentou 2,58%, o preço recebido pelo produtor caiu 4,15%. Essa diferença aumenta a pressão sobre as margens e dificulta a recuperação da rentabilidade da atividade.

Além dos custos elevados e dos preços ao produtor em queda, agentes de mercado apontam outros fatores que contribuem para esse cenário, como o ritmo



Boletim Conjuntural Semana 39/2026 – 24 de setembro de 2026

mais lento do consumo interno de carne suína, a concorrência com a carne de frango, o elevado endividamento das famílias, as dificuldades de escoamento de produtos processados e uma oferta maior de carne suína, que segundo o IBGE, foram abatidas, no 2º trimestre de 2026, 15,70 milhões de cabeças de suínos, representando alta de 4,0% em relação ao mesmo período de 2025 e de 2,6% na comparação com o 1º trimestre de 2026.

O conjunto desses fatores mantém a suinocultura sob forte pressão, aumentando as dificuldades financeiras enfrentadas pelo produtor e colocando em evidência a necessidade de recuperação das margens da atividade e de ajustes na produção de suínos para abate, de acordo com a demanda atual e futura do mercado.

FRANGOS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

O custo de produção do frango vivo no Paraná, criado em aviários do tipo climatizado em pressão positiva, atingiu o valor de R\$ 4,85/kg em agosto de 2026, segundo a Central de Inteligência de Aves e Suínos (CIAS) da Embrapa Suínos e Aves. O resultado representa uma elevação de 1,68% (+ R\$ 0,08/kg) em relação a julho (R\$ 4,77/kg) e um avanço de 5,66% (+ R\$

0,26/kg) em comparação a agosto de 2025 (R\$ 4,59/kg).

Acompanhando esse movimento, o Índice de Custos de Produção de Frango (ICPFrango) alcançou 374,97 pontos (base em janeiro de 2010 = 100 pontos), o que equivale a uma alta mensal de 1,56% e de 5,48% nos últimos 12 meses, acumulando variação de +4,10% no ano. A alta mensal do ICPFrango foi impulsionada pelos aumentos nos gastos com energia elétrica, calefação e cama (+6,88%), ração (+3,77%) e custos de capital (+3,02%). Em contrapartida, o item genética registrou retração de 5,52%, enquanto mão de obra, sanidade e transporte mantiveram-se estáveis. No acumulado do ano, a estrutura de custos do setor apresenta alta expressiva no item sanidade (+35,70%), seguido por energia elétrica, calefação e cama (+8,54%), transporte (+7,68%), mão de obra (+5,68%), ração (+5,61%) e genética (+0,39%), registrando-se queda apenas nos custos de capital (-9,16%).

A alimentação dos animais continua sendo o componente mais expressivo do custo de produção, representando 63,87% da composição do ICPFrango e acumulando altíssimas variações de 5,61% no ano e de 5,30% em 12 meses. No modelo paranaense (com parâmetros técnicos de 1.500 m², peso final de 2,9 kg, mortalidade de 5,5%,



Boletim Conjuntural Semana 39/2026 – 24 de setembro de 2026

conversão alimentar de 1,7 kg e 6,2 lotes por ano), a nutrição passou a responder por 63,71% do custo total de produção.

O valor da ração no estado subiu para R\$ 3,09/kg em agosto, com alta de 3,69% em relação ao mês anterior (R\$ 2,98/kg) e de 5,10% frente ao mesmo período de 2025 (R\$ 2,94/kg). Por sua vez, a aquisição dos pintinhos de um dia (item genética, de peso 18,45% sobre o ICPFrango) subiu 0,39% no ano e 9,16% nos últimos 12 meses.

Em outros importantes estados produtores do Sul, os custos de produção também registraram elevação de 0,6% (+ R\$ 0,03/kg) em agosto na comparação com o mês anterior, atingindo R\$ 5,00/kg em Santa Catarina e R\$ 4,99/kg no Rio Grande do Sul.

Na ponta da receita, o preço nominal médio estadual do frango vivo pago ao produtor no Paraná fechou agosto em R\$ 4,73/kg. O valor indica uma ligeira retração de 0,21% (- R\$ 0,01/kg) frente a julho (R\$ 4,74/kg) e uma queda de 3,86% (- R\$ 0,19/kg) sobre igual mês de 2025 (R\$ 4,92/kg).

Como o preço de venda (R\$ 4,73/kg) ficou abaixo do custo total de produção (R\$ 4,85/kg), o avicultor paranaense trabalhou com margem negativa de 2,47% (- R\$ 0,12/kg) no período. Essa retração da rentabilidade decorre do encarecimento dos

principais insumos nutricionais no mercado atacadista paranaense.

Segundo dados da SEAB/DERAL, o milho atingiu R\$ 64,56 por saca de 60 kg em agosto, subindo 4,8% no mês (+ R\$ 2,94) e 6,9% em 12 meses (+ R\$ 4,16). Já o farelo de soja subiu para R\$ 1.973,53 por tonelada, avanço de 5,4% frente a julho (+ R\$ 100,35) e de 17% na comparação anual (+ R\$ 287,14).

Diante desse cenário de retração no preço do frango vivo e encarecimento das matérias-primas, a relação de troca deteriorou-se fortemente para o produtor. Em agosto de 2026, foram necessários 227 kg de frango para adquirir uma tonelada de milho (10,7% a mais de carne do que os 205 kg exigidos no mesmo mês de 2025). Com relação ao farelo de soja, o volume exigido para comprar uma tonelada da fonte proteica saltou de 343 kg de frango em 2025 para 417 kg em 2026, exigindo maior esforço de produção em um ambiente de margens pressionadas.